

0001/79

«RECORTE»
Apartado 9871
Lisboa, C. Postal
1200, f. 4801

DIÁRIO DE LISBOA
Lisboa
DIÁRIO DO MINHO
Braga
O JORNAL da EDUCAÇÃO
Lisboa
JORNAL DA MATA

-O. JAN. 1979

Universidade - opinião
Univ. Cambridge

ACTUALIDADE/INTERNACIONAL

201

Grã-Bretanha

Cambridge, a cidade-universidade

Teresa Júdice Gamito*

Ai talvez se lembre de perguntar: «— Mas então, onde é a Universidade?», «— Bem, se quer que lhe diga...» e não sabem, pois ninguém se lembra disso, ou se é algum membro dela, então saberá: «— Olhe, vê ali aqueles dois edifícios? Pois é lá.» Como então?! A grande e famosa Universidade de Cambridge é só aquilo?

De facto, a Instituição Universidade está completamente diluída na massa dos Colleges, dos 'backs', dos campos de jogos. Sendo uma universidade antiga, *old university* (1), Cambridge tem uma organização própria: os Colleges são ainda, como na Idade Média, os centros dominantes; é lá que os alunos não graduados têm parte das suas aulas, as suas famosas supervisões, os seus *tutors*, e onde residem. São os Colleges que decidem quantos alunos recebem e a Universidade só pode aceitá-los se previamente algum dos Colleges para que concorram concordar em recebê-los. O mesmo esquema é aplicado aos alunos pós-graduados que aqui venham fazer o seu doutoramento (PhD — Philosophy Doctorate) ou mestrado (Mphil, — Master of Philosophy ou MSc. — Master of Sciences) embora com estes, a atitude do College seja naturalmente mais flexível. A Universidade tem um papel essencialmente administrativo e é responsável pelo ensino ministrado, mas os professores, tal como os alunos, têm em princípio que ser membros dos Colleges. As faculdades e laboratórios, de criação mais recente, ocupam um espaço relativamente reduzido.

O que realmente nos impressiona é a organização, o 'relax', com que tudo se processa. Os anos lectivos já estão planeados com vários anos de antecedência e nos dias afixados para o início das aulas, elas começam de facto...

Igualmente as reuniões das inúmeras comissões científicas interuniversitárias interfaculdades, de orientação

O turista que visita Cambridge é imediatamente absorvido nas indispensáveis visitas aos velhos Colleges (o King's, o Trinity, o John's, o Queen's), envolvido pela beleza e equilíbrio arquitectónico dos edifícios, a calma dos courts ou pátios arrelvados interiores e subjugado pela quietude escorregadia do Cam, o rio que atravessa os 'backs', isto é, os largos espaços verdes ajardinados das traseiras dos Colleges. Se se demorar um pouco mais na cidade, indicar-lhe-ão mais uns quantos Colleges como o Jesus, o Clare, o Christ, o Peterhouse, o Calus, o Darwin.

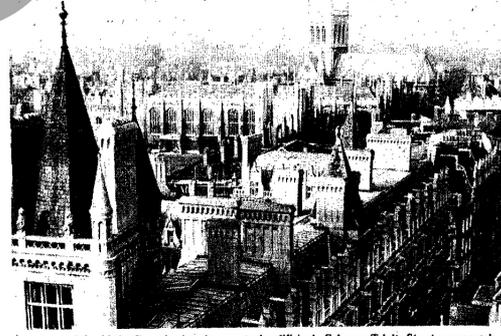
A cidade em si deve maravilhar-lo um pouco: calma, com um centro comercial bem abastecido, trânsito relativamente intenso mas sem nervosismo nem tensões. Mas Cambridge é acima de tudo a Universidade.

pedagógica e administrativa têm a sua agenda afixada de tal modo que tudo é indicado na agenda *The Cambridge pocket Diary*, usada por todos os membros da Universidade.

Se o visitante de Cambridge permanecer na cidade e se se levantar antes das nove poderá observar a ida para as aulas. São revoadas de ciclistas que apressadamente ultrapassam os automóveis ou em bando ocupam a rua toda. Travará assim conhecimento com os *undergraduates* (os alunos não graduados que preparam o bacharelato) e *graduates* e muito provavelmente verá passar também a pedalar calmamente muitas das sumidades que ensinam em Cambridge.

Os «undergraduates» estão sujeitos a um regime vigilante apertado, as famosas supervisões semanais, em que têm de apresentar um trabalho individual semanal nas várias disciplinas em que estão inscritos, e que são cerca de cinco. Este regime de trabalho e apertada selecção na admissão contribuem para dar a Cambridge e Oxford a reputação de Universidades de difícil acesso, mas de alto grau de qualificação sendo os seus graduados preferidos, de um modo geral, aos das outras universidades. Exactamente por isso também responsável pelo afastamento de muitos estudantes com valor mas recessos de não estarem aptos para entrarem na difícil competição.

O facto de durante muito tempo terem recebido alunos essencialmente oriundos das *Public Schools* (colégios privados) deu a ambas as Universidades um certo carácter elitista, muito acentuado em Oxford. Cambridge, quer por estar situada numa região de Inglaterra em que a *Low Church* (Igreja Protestante) sempre preponderou — em oposição a Oxford dominada pela *High Church* (Igreja Anglicana) ou pelo seu passado democrático, a que não faltou a influência de Cromwell, alano do *Sidney Sussex College* — tem um ambiente diferente.



Aspecto geral da cidade. Em primeiro plano parte do edifício do Calus e a Trinity Street; em segundo plano a entrada, court e capela do Trinity; em terceiro plano a entrada e capela do John's.

0. JAN 1979

Universidade - opinião
Univ. Cambridge

0001/779

Na realidade, logo na sua criação mostra o seu carácter liberal e progressista pois surgiu a partir de um grupo de dissidentes das Universidades de Oxford e Paris que se fixaram na East Anglia no século XIII. Cambridge era então um pacato porto de pesca fluvial, mas a pouco e pouco a Universidade foi ocupando o lugar preponderante, tendo-se o resto da cidade desenvolvido em função dela. O primeiro College, Peterhouse, foi fundado em 1284 e outros lhe foram seguindo. Sofreu altos e baixos na sua frequência mas a partir do século XIX jamais deixou de progredir, tornando-se a cidade dominante no mundo da investigação; foi aqui que Darwin estudou e estabeleceu as suas famosas teorias sobre a origem do homem, que Rutherford descobriu o átomo no princípio dos anos 20, onde laboratórios modernamente apetrechados permitem as experiências mais sofisticadas, onde se encontra o centro de computadores mais potente de Inglaterra aproveitado a 99%, e aberto 24 horas por dia.

As mulheres só no final do século XIX foram admitidas na Universidade, criando-se então Colleges próprios como o Girton ou o Newham. Embora hoje a maioria dos Colleges aceitem também elementos do sexo feminino, alguns como o Trinity, o John's, o Magdalene, continuam a resistir.

Doze mil alunos

A população estudantil anda por volta dos 12 000 alunos (o equivalente à nossa Faculdade de Letras de Lisboa!), espalhados pelas diversas faculdades e departamentos, podendo assistir a qualquer aula de qualquer curso se acharem isso conveniente. Durante todo o ano têm um regime constante de trabalhos a apresentar e a preparar as supervisões, isto é, os trabalhos especiais para o orientador. Quando chegam aos exames finais têm praticamente todas as matérias revistas. O grau seguinte ao bacharelato o Master of Arts, equivalente à nossa licenciatura, destina-se apenas aos estudantes que não desejem ou não possam prosseguir na carreira de investigação e é apenas, em Oxford e Cambridge, uma mera formalidade. O grau de Master of Philosophy ou Master of Science, correspondendo ao «mestrado» que a reforma de Sottomayor Cardia pretendia introduzir na carreira universitária portuguesa, é aberto a grupos muito restritos, com campos específicos de investigação. Tanto o M. Phil. como o M. Sc. têm exames finais de grande responsabilidade e um director de estudos, responsável pela orientação e controlo de cada curso, e ainda um supervisor, especialista na matéria da tese final, estando assim, os candidatos a estes graus, tal como todos os estudantes de Cambridge, sujeitos a um intenso trabalho continuamente controlado.

Enquanto o M. Phil. ou o M. Sc. são graus que procuram conciliar a prepa-



Estudantes (e professores) de Cambridge
A bicicleta é um ótimo meio de transporte

ração profissional com a investigação, o grau de doutoramento é, naturalmente, o mais orientado para a investigação, embora com maior autonomia. Os doutorandos têm igualmente um supervisor indicado pelo Board of Graduate Studies mediante o parecer da respectiva comissão científica do departamento a quem deverão ir apresentando regularmente os progressos da sua investigação. Eventualmente poderão ainda supervisionar alunos não graduados e preparar seminários sobre o campo específico da sua investigação.

A preparação para a vida

Mas Cambridge não é apenas a Universidade. O estudante sente-se envolvido pela realidade que o rodeia e naturalmente reage a ela. A «preparação para a vida» realiza-se através de uma maior ou menor participação numa vasta gama de actividades. Por exemplo a participação nos debates da Fabian Society é encarada como um bom exercício para uma futura vida parlamentar. Também a Associação dos Estudantes (Union) da Universidade de Cambridge se tornou particularmente famosa pelos debates que organiza periodicamente e para os quais costuma convidar personalidades controversas, constituindo um poderoso órgão estudantil.

O Stop-Press, um dos órgãos de informação dos estudantes mais divulgado, denuncia qualquer situação ou atitude anómala dentro dos Colleges ou na administração da Universidade e dos Colleges de Cambridge na África do Sul. Ainda recentemente criticou o próprio chanceler da Universidade, o príncipe Filipe, que há pouco a visitara as suas funções.

Além da Union têm outras associações políticas como o Liberal Club, a Organização dos Estudantes Traba-

listas e a sua homóloga conservadora, etc. ou a célebre Fabian Society, já referida, onde ainda recentemente o ministro dos Negócios Estrangeiros David Owen foi fazer uma conferência, (na 1.ª semana de Novembro) sobre política externa britânica. Um dos estudantes, que por acaso era o próprio secretário da Fabian Society, não convencido com a argumentação do ministro em relação ao apoio que tinha dado à política do xá da Pérsia, «bombardeou-o» com um pacote de farinha. Comentando o incidente o estudante declarou que se tratava de uma forma de protesto perfeitamente normal. Esta, aliás, não teve para ele outras consequências que uma admoestação do seu tutor, pois o ministro, com o tradicional «fair-play» inglês, encarou o castigo com humor e não tomou qualquer atitude de represália para com o estudante.

Outro caso de reacção imediata dos estudantes foi o verificado em Março de 1978 quando a direcção cessante da Union se lembrou de organizar uma conferência com o título, aparentemente innocente, «O lugar da mulher é no harém», com fins beneficentes, e para a qual convidou a princesa Ana. Claro que a indignação feminina não teve limites e a princesa Ana teve grandes dificuldades em entrar no edifício da Union pela manifestação hostil que a esperava.

Embora a actividade política seja relativamente intensa — além dos aspectos já focados ocupam-se em campanhas contra os regimes despóticos da América Latina, contra o racismo e o «apartheid», apoiam a Amnistia Internacional, etc. — outra actividade absorve um largo sector estudantil: o desporto. Praticado com regularidade e perseverança — as ruas e os parques de Cambridge são constantemente percorridos por estudantes em fado de treino, que indiferentes às agruras do clima fazem o seu «cross» diário, outros levantam-se de madrugada para praticarem remo e com a proximidade

das grandes repaças — contra Oxford, ou entre os Colleges — o Cam é perturbado pelo constante grito dos «coxes» — os comandantes peso-pluma, mas de voz forte dos barcos — e o bater cadenciado dos remos.

Além disso todos os Colleges têm os seus grupos de teatro e pantomina, orquestras de câmara ou sinfónicas, grupos corais e de folk-music.

Nem tudo são rosas

Mas nem tudo são «rosas» na vida quotidiana desta cidade universitária mesmo para os estudantes. As bolsas são cada vez mais difíceis de conseguir e as perspectivas de emprego também. O isolamento e as dificuldades económicas afectam por vezes os estudantes levando-os a graves estados depressivos que tornam impotentes os diversos serviços de apoio oficiais e estudantis como o Link-line Students' Samaritans.

Por outro lado a crise de habitação intensamente sentida pela população de Cambridge também os afecta. No entanto a desconstrução, a simplicidade de vida e de vestir e uma certa irreverência são ainda outras características desta Universidade.

Este sistema que não tem equivalente nas nossas universidades e em Inglaterra é característico dos old universities, apresenta, como é natural, aspectos positivos e negativos. Entre os aspectos positivos o mais saliente é o amparo oferecido pelos Colleges. O aluno, transitando do ensino secundário e normalmente oriundo de outro ponto do país, encontra no College uma instituição organizada, onde os pequenos problemas quotidianos são resolvidos eficazmente, e onde existe pelo menos uma pessoa, o seu tutor, interessada no seu trabalho, saúde e bem-estar. Por outro lado, este mesmo sistema é responsável pela manutenção de certas características tão negativas das Public Schools como o desfasamento entre o indivíduo e a sociedade, o homossexualismo, o egocentrismo exagerado.

Além disso as supervisões individuais exigem aos estudantes um esforço contínuo de ajustamento de pontos de vista e de actualização na informação que dificilmente se poderá igualar. Ainda a relativa reduzida frequência nos diversos cursos e graus académicos permite que as relações professor-aluno sejam mais equilibradas social e intelectualmente. (1) Old Universities, universidades criadas na Idade Média até à Idade Moderna, contrastando com as Brick Universities, as universidades vitorianas construídas com tijolo, e as Modern Universities, as universidades do pós-guerra e de modelo americano.

* Professora efectiva do Liceu Padre António Vieira, com equiparação a bolsista, em Cambridge, Inglaterra.

0001779

Grã-Bretanha

A última "escola livre" de Londres

John Gretton

A White Lion Street Free School, última escola «paralela» e gratuita de Londres tem os seus dias contados, sendo possível que se encontre já fechada quando este número de «O Jornal da Educação» chegar à mão do leitor.

São uma meia centena, dos três aos quinze anos. Delinquentes em potência na sua maioria, vieram da rua ou de escolas de onde foram expulsos. Com eles, uma dezena de adultos, jovens sobretudo, que trabalham quase voluntariamente, sem director, sem secretária, sem cozinheiro, sem mulher a dias. É a White Lion Street Free School, uma escola «paralela». As crianças são livres de decidir tudo — incluindo aprender ou não. Se lá estão, é por sua própria vontade.

Quando a criaram, em 1972, os fundadores da escola — dois jornalistas — estabeleceram os seguintes princípios: gratuidade de todas as actividades de base; assembleias gerais semanais abertas a todos, com poder de decisão, salvo no que respeita ao quadro jurídico da escola; liberdade total, incluindo a de não aprender; igualmente de remuneração dos adultos; repartição igual das tarefas, incluindo as caseiras, entre todos os adultos; proibição da violência, tanto entre as crianças como contra elas; qualquer relatório redigido a propósito das crianças ou dos pais deve ser levado ao conhecimento do interessado.

A administração tolera-a. Os sindicatos desconfiam. A municipalidade de Londres, responsável pelo ensino na capital, recusa-lhe qualquer subsídio. Nestas condições, anunciou-se, há meses que a White Lion Street Free School deveria fechar as suas portas no final de 1978.

No entanto, fora do ensino oficial, parece ser bem mais apreciada: se conseguiu sobreviver durante cerca de seis anos, foi graças à direcção da Assistência Social da comuna de Islington e a diferentes fundações. Empresas privadas, incluindo algumas do bairro, concederam uma ajuda em dinheiro ou em material. O subsídio mais importante, durante os primeiros cinco anos, provinha de Wates, uma grande empresa construtora. Mas depois, como a municipalidade não quis dar continuação, a escola viveu penosamente.

No ano passado, renovou o seu pedido junto da administração, mas o Município de Londres, por intermédio da Inner London Education Authority (ILEA), não respondeu. Facto novo: o pedido foi apoiado por seis professores que fazem parte de um dos «grupos de apoio» (support units), montados pela ILEA para tomar a seu cargo as crianças que as escolas secundárias não conseguem integrar. Particularmente,



Estudantes de uma escola livre. A liberdade de decidir tudo — mesmo não aprender

fizeram saber que «muitos dos métodos pedagógicos e administrativos utilizados pelo grupo de apoio... foram elaborados pela White Lion Street Free School. Dever-se-las pois, apreciar esta escola como uma das mais sérias instituições pedagógicas piloto de Londres...».

Um velho bairro operário

O edifício, uma velha casa de quatro andares, um pouco deteriorada, situa-se não longe da estação de King's Cross, num velho bairro operário pouco afectado pelo movimento de renovação que, um pouco mais longe, transformou completamente o aspecto de Islington em poucos anos. Por detrás, está o célebre mercado de Chapel

Street, e mais longe, as Manderville Houses, HLM de estilo anos 30, onde habita a maior parte das crianças que frequentam a escola. Do outro lado, construções inacabadas, nomeadamente, um depósito para automóveis e, mais além, a famosa prisão de Pentonville. Imigrantes europeus e irlandeses cederam o local a uma vaga de anfitriões e paquistaneses que, por sua vez, se foram embora em proveito de... novas gerações de irlandeses.

No interior, nenhuma decoração, e um mínimo de conservação. As divisões, muito pequenas, só a custo são transformadas em salas de aula: uma está consagrada à oratória; outra à marcenaria e à pintura; uma terceira, à música... Ao lado da divisão reservada à pré-primária, uma sala de recreio para os mais novos; para os mais ve-

lhos, há um bilhar, na cave, por detrás da cozinha. Por toda a parte, reina um ambiente de simpática desordem, um vaivém contínuo: fazem-se perguntas, protesta-se, discute-se, explica-se. Não ouvimos ninguém reclamar, regatear, gritar, enervar-se. Já é um resultado...

As manhãs são reservadas a actividades mais ou menos pedagógicas, o que compreende quase tudo: pintura, música, leitura, matemática... Ao fim de um certo tempo, as crianças, mesmo as menos aptas nos estudos tradicionais, vêm pedir para aprender. Até não faltam duas que estudam francês. São repartidas entre os professores, segundo as relações que se estabelecem entre adulto e criança. Um dia, uma conferência, destinada sobretudo aos adolescentes, sobre a higiene pessoal; noutro dia, um debate organizado à volta do tema «o casamento está fora de moda?». Assunto despropósito? Não muito, já que Peter, com quem nos cruzámos na escada, se tinha comprometido aos dezasseis anos com uma rapariga de catorze. Mas a coisa não durou...

As tardes são consagradas às saídas. Vai-se ao cinema, fazem-se visitas, dão-se voltas em barcos de passeio nos velhos canais de Londres. As crianças não se esquecem dos entretementos: durante o ano, são-lhes propostas, com a participação dos pais, segundo os meios, férias de esquí, de campismo, de equitação. Mas à tarde, a procura é menos importante do que a oferta, o que coloca problemas de consciência aos professores-animadores. É culpa deles? Deviam esforçar-se mais?... Vemos surgir aí uma das contradições fundamentais da escola paralela. As crianças, os pais e mesmo as forças da ordem apreciam a escola. Mas isto não quer dizer, porém, que a visão quase utópica de uma comunidade igualitária onde reinaria um novo estilo de relações entre crianças e adultos, que inspira os jovens responsáveis, seja partilhada pelos «cientistas» da escola.

As crianças gostam da escola, uma vez que vão lá. Mas não ficam lá sempre. E acontece um dos adultos ir procurar nas HLM uma criança que, uma manhã, não apareceu. Também pode suceder que as crianças tenham em consideração o facto de aprenderem alguma coisa. Muitas, que eram analfabetas quando chegaram à escola, aprenderam mesmo assim a ler; nós próprios, vimos algumas em actividade. Mas o que mais apreciam é encontrar na White Lion Street Free